

QUILOMBOS COMO SÍMBOLO DE RESISTÊNCIA: PESQUISA E ELABORAÇÃO DE MAQUETES NO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO

Lucas Hilgemann Belleboni ¹

Amanda Felisberto ²

Lucas Gunther Klein ³

Karen Daniela Pires ⁴

Sérgio Nunes Lopes ⁵

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma prática pedagógica desenvolvida com estudantes do 1º ano do Ensino Médio, em uma escola de Educação Básica do município de Lajeado/RS, visando atender à proposta do grupo de estudantes de licenciaturas vinculados ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), que é uma iniciativa da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), de apresentar a diversidade étnico-racial do Vale do Taquari/RS, região que abrange 36 municípios situada no centro-leste do Rio Grande do Sul. A proposta foi elaborada e executada pelos bolsistas do PIBID, sob orientação da professora regente da turma. O objetivo foi contextualizar e analisar historicamente a formação dos quilombos, suas funções como sociedade de resistência e abrigo, e seus desdobramentos até o tempo presente. A metodologia estruturou-se em uma sequência didática composta por quatro aulas, iniciando com uma aula expositiva sobre a apresentação de Zumbi e do Quilombo dos Palmares para contextualizar e apresentar a figura histórica de Zumbi. Posteriormente, foi realizada uma listagem com diversos quilombos das mais variadas regiões do Brasil para os estudantes selecionarem e iniciarem a pesquisa, para a qual foi sugerido um roteiro orientador com questões como: onde se encontra o quilombo, como está atualmente, como foi fundado e quais as datas importantes. Nesta etapa, os estudantes foram introduzidos às normas da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Em seguida, houve a criação de maquetes dos respectivos quilombos, baseando-se em fotos e registros de diferentes momentos da história. Após a conclusão das maquetes, os trabalhos dos alunos foram expostos na escola para o acesso dos demais estudantes às criações.

1Graduando do Curso de História da Universidade do Vale do Taquari - Univates, lucas1@universo.univates.br;

2Graduanda do Curso de Letras, Português/ Inglês da Universidade Do Vale do Taquari - Univates, amanda.felisberto@universo.univates.br;

3Graduando do Curso de História da Universidade do Vale do Taquari - Univates, lucas.klein@universo.univates.br

4Doutora em Ciências Ambientais pelo Programa de Pós-Graduação em Ambiente e Desenvolvimento da Universidade do Vale do Taquari - Univates, k.pires@universo.univates.br;

5Doutor em Ciência: ambiente e desenvolvimento, Mestre em Patrimônio Cultural e graduado em História. Coordenador de Área do PIBID/Univates. sergionl77@univates.br



Palavras-chave: PIBID, Educação pública, Quilombos, Ensino médio, Direitos humanos.

INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem o objetivo de apresentar uma prática pedagógica desenvolvida na Escola de Ensino Médio Érico Veríssimo, instituição situada na Avenida Senador Alberto Pasqualini, no bairro São Cristóvão, em Lajeado, Rio Grande do Sul. O educandário recebe grupos do Programa Institucional de Iniciação à Docência (PIBID) a partir da articulação da Universidade do Vale do Taquari - Univates. A escola apresenta uma particularidade significativa em sua geografia: por ser uma das poucas instituições públicas de Ensino Médio do município, acaba por receber estudantes de diversas partes da cidade, de diferentes municípios e estados, e até de outros países — como Haiti, Venezuela e Bolívia —, além de jovens oriundos das mais variadas escolas de Ensino Fundamental. Reunidos em uma mesma sala de aula, esses estudantes trazem consigo realidades e trajetórias distintas, de bairros afastados ou próximos, fazendo emergir a pluralidade que caracteriza não apenas a escola, mas a própria cidade.

Com o propósito de apresentar uma abordagem local ao conteúdo, e tendo em vista que o município de Lajeado conta com comunidades quilombolas em seu território, foi sugerido nas reuniões de planejamento do grupo o desenvolvimento da experiência aqui relatada de apresentar uma abordagem local ao conteúdo à uma turma de 1ª série do Ensino Médio no segundo semestre de 2025. A escolha do tema não foi arbitrária: a história e a cultura afro-brasileira constitui conteúdo obrigatório no currículo da Educação Básica desde a promulgação da Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional para incluir o ensino de História e Cultura Afro-Brasileira. Trabalhar com quilombos em sala de aula, portanto, não é apenas uma exigência curricular, mas um posicionamento pedagógico em favor de uma educação antirracista e comprometida com a realidade local.

A sequência didática foi organizada em três etapas articuladas. A primeira consistiu em uma aula expositiva dialogada, conduzida por meio de slides, sobre o quilombo de maior visibilidade no Brasil, o Quilombo dos Palmares, abordando as personalidades que ali viveram, lutaram e resistiram. Após a exposição e a discussão que acompanhou a aula, foi proposta a segunda etapa: uma pesquisa de livre escolha, na qual os estudantes selecionaram um quilombo para investigar. A proposta orientava a busca por datas de fundação ou início, por acontecimentos marcantes vinculados àquele território e por imagens atuais do espaço,



considerando que diversos quilombos seguem sendo espaços vivos de resistência, com comunidades e moradias até os dias de hoje. A terceira etapa, a construção de maquetes, constituiu a síntese criativa de todo o processo.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) reforça essa perspectiva ao propor que os estudantes sejam capazes de reconhecer e combater as diversas formas de desigualdade e preconceito, compreendendo os processos históricos que as produziram. O relato que se segue está organizado de modo a articular a descrição da prática com a reflexão que ela suscita, compreendendo que a formação docente se constrói precisamente nesse movimento entre o vivenciado e o pensado.

METODOLOGIA

O trabalho aqui apresentado se caracteriza como um relato de experiência pedagógica, desenvolvido no contexto da prática docente supervisionada pelo Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID). Por se tratar de um relato, a preocupação central não esteve na mensuração de resultados, mas sim na observação do processo: como os estudantes se relacionaram com o tema, o que demonstraram ao longo das etapas e o que a prática revelou para a formação de quem a conduziu.

Para acompanhar e registrar a experiência, foram utilizados instrumentos que se complementaram ao longo das aulas. O diário de campo esteve presente em todos os momentos, reunindo percepções, reações da turma e reflexões que surgiam durante a própria prática. As produções escritas dos estudantes, entregues na etapa de pesquisa sobre quilombos de livre escolha, serviram como fonte para compreender o que havia sido construído por cada um. As maquetes, por sua vez, foram registradas fotograficamente, documentando tanto o processo criativo quanto o resultado final da sequência.

Os registros fotográficos foram realizados com autorização formal obtida junto à escola e ao PIBID, respeitando os protocolos do programa para uso de imagens de estudantes menores de idade. As imagens têm finalidade exclusivamente acadêmica e pedagógica.

REFERENCIAL TEÓRICO

Pensar uma prática pedagógica voltada para a história dos quilombos exige, antes de tudo, questionar o tipo de educação que se quer construir. Paulo Freire, em sua obra *Pedagogia do Oprimido* (1987), nos oferece uma crítica fundamental ao que ele chamou de



educação bancária, modelo no qual o estudante é tratado como recipiente passivo de conteúdos depositados pelo professor. Em contraposição, Freire propõe uma educação problematizadora, fundada no diálogo e na valorização do saber que o estudante já carrega consigo. A sequência didática aqui relatada buscou se aproximar dessa perspectiva: partir de um conteúdo historicamente silenciado, os quilombos, e devolvê-los à sala de aula como tema vivo, capaz de provocar perguntas e identificações nos estudantes.

Essa escolha não é neutra. Munanga (1999), um dos mais importantes intelectuais brasileiros no campo das relações raciais, nos lembra que o desconhecimento da história africana e afro-brasileira nas escolas não é acidente, mas resultado de um projeto histórico de apagamento. Munanga discute como a identidade negra foi sistematicamente desvalorizada e como a educação pode ser, ao contrário, um espaço de reconstrução dessa identidade. Trazer o Quilombo dos Palmares e outros quilombos para a sala de aula é, nesse sentido, um gesto de reparação simbólica.

Lino Gomes (2017), por sua vez, aprofunda essa discussão no campo educacional. A autora argumenta que o movimento negro brasileiro produziu saberes pedagógicos próprios que precisam ser reconhecidos e incorporados pela escola formal. Para Gomes (2017), a Lei n.º 10.639/2003 não representa apenas uma mudança curricular, mas uma disputa pelo direito à memória e ao pertencimento. É dentro desse horizonte que a proposta de pesquisa autônoma sobre quilombos ganha sentido: ao escolher livremente um quilombo para investigar, o estudante é convidado a se aproximar de uma história que, em muitos casos, também é a sua.

Moura (1987) oferece a base historiográfica necessária para compreender os quilombos não como episódios isolados, mas como expressão contínua e organizada de resistência ao sistema escravista. Sua análise evidencia que o Quilombo dos Palmares, frequentemente tratado como caso excepcional, integra na verdade uma tradição muito mais ampla de luta pela liberdade que atravessa todo o território brasileiro e que, em muitos lugares, persiste até hoje sob a forma de comunidades quilombolas remanescentes.

É nessa articulação entre Freire, Munanga, Gomes e Moura que o presente relato se apoia. É a partir destas bases que a presente proposta firma a convicção de que ensinar história afro-brasileira é, ao mesmo tempo, um ato político, pedagógico e humano.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados foram organizados a partir de três categorias analíticas que emergiram do processo: o engajamento da turma ao longo da sequência didática, a



diversidade geográfica e cultural revelada pelas pesquisas dos estudantes, e a expressão criativa manifesta na construção das maquetes.

Engajamento e participação

Ao longo das três etapas, a maioria da turma demonstrou envolvimento crescente com o tema. A aula expositiva dialogada sobre o Quilombo dos Palmares funcionou como porta de entrada, despertando curiosidade e abrindo espaço para perguntas que evidenciaram o quanto aquela história era, para muitos estudantes, praticamente desconhecida. Esse movimento se aproxima do que Freire (1987) descreve como o despertar da consciência pelo diálogo: não se tratava de transmitir informação, mas de provocar o estudante a se perguntar por que essa história havia ficado tão distante da sua formação escolar até então.



Registros dos autores - acervo pessoal

Diversidade dos quilombos pesquisados

Na etapa de pesquisa autônoma, os estudantes escolheram quilombos de diferentes regiões do Brasil, o que por si só produziu um resultado coletivo significativo: ao final, a turma havia mapeado, de forma colaborativa e espontânea, a dimensão continental da resistência quilombola no país. Quilombos do Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Sudeste e Sul foram trazidos para a sala de aula pelas próprias mãos dos estudantes. Esse resultado dialoga diretamente com Moura (1987), para quem os quilombos não foram episódios isolados, mas uma forma de organização que atravessou todo o território brasileiro. Ver isso materializado



nas pesquisas da turma foi uma das confirmações mais concretas de que a proposta havia funcionado.

A maquete como síntese e revelação

A etapa de construção das maquetes foi aquela que mais surpreendeu. Se nas etapas anteriores o engajamento já havia sido positivo, foi na produção manual e criativa que alguns estudantes demonstraram uma dedicação que extrapolou qualquer expectativa. Um episódio em particular merece registro: um aluno, ao construir sua maquete, foi além do que havia sido solicitado e compôs uma cena detalhada do cotidiano quilombola, incluindo uma casa de joão-de-barro, capivaras em argila e um forno a lenha, também modelado à mão. Naquele momento, o que estava diante dos olhos não era apenas uma maquete escolar. Era um estudante que havia se apropriado do tema de tal forma que sentiu necessidade de habitá-lo, de dar vida a ele com as próprias mãos.

Gomes (2017) nos lembra que a escola precisa reconhecer os saberes que os estudantes produzem fora e dentro dela. Aquela maquete era exatamente isso: um saber que não cabia no papel, que precisou de argila, de paciência e de imaginação para existir.

Munanga (1999) nos ajuda a compreender que quando um jovem se dedica dessa forma a reconstruir um espaço quilombola, algo mais profundo está em jogo, algo relacionado à identidade, ao pertencimento e ao reconhecimento de uma história que, de alguma forma, também é sua.

Os resultados, tomados em conjunto, apontam que a sequência em três etapas, da exposição à pesquisa, da pesquisa à produção, criou condições para que o aprendizado se tornasse progressivamente mais autônomo e significativo. O tema não foi apenas transmitido. Foi, em alguma medida, vivido.



Registros dos autores - acervo pessoal



CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final dessa experiência, o que fica não é apenas o registro de uma sequência didática bem-sucedida, mas a confirmação de que escolhas pedagógicas importam. Decidir trabalhar com quilombos em uma turma de 1ª série do Ensino Médio, em uma escola pública de Lajeado, foi uma decisão que carregou em si um posicionamento: o de que a história afro-brasileira não é conteúdo complementar, não é tema de datas comemorativas, mas parte estrutural de qualquer formação histórica séria e comprometida com a realidade do país.

A sequência em três etapas, da aula expositiva sobre o Quilombo dos Palmares à pesquisa autônoma e, por fim, à construção das maquetes, revelou que o engajamento dos estudantes cresce na medida em que eles ganham protagonismo sobre o próprio aprendizado. Isso não é uma descoberta nova: Paulo Freire já nos dizia isso décadas atrás. Mas há algo diferente entre ler Freire e ver um aluno modelar em argila um forno a lenha para compor a maquete de um quilombo que ele mesmo escolheu pesquisar. A teoria, naquele momento, deixou de ser abstrata.

Para a comunidade científica e para outros professores e professoras em formação, este relato aponta alguns caminhos que merecem ser explorados com mais profundidade. O primeiro deles é a potência da livre escolha como instrumento pedagógico: permitir que o estudante decida o que pesquisar, dentro de um tema orientado, produziu uma diversidade de resultados que nenhum roteiro fechado seria capaz de gerar. O segundo caminho diz respeito à produção manual e criativa como forma legítima de aprendizagem histórica, ainda pouco explorada nas pesquisas da área. A maquete não foi enfeite, foi síntese.

Há, evidentemente, muito ainda a investigar. Como essa experiência repercute na relação dos estudantes com a história afro-brasileira ao longo do restante da vida escolar? De que forma comunidades quilombolas próximas, como as existentes no próprio município de Lajeado, poderiam ser incorporadas diretamente à prática, tornando o tema ainda mais concreto e local? Essas perguntas ficam abertas e apontam para a necessidade de novas pesquisas que acompanhem, com mais tempo e mais instrumentos, os efeitos de práticas pedagógicas antirracistas no Ensino Médio em cada contexto.

O que este trabalho pode afirmar, com base no que foi vivido e registrado, é que foi possível, em uma escola pública, com estudantes de diferentes origens e realidades, fazer com



que a história dos quilombos deixasse de ser passado distante e se tornasse algo próximo o suficiente para ser construído com as próprias mãos.

AGRADECIMENTOS

Na condição de primeiro autor, deixo meu agradecimento aos meus colegas Amanda Felisberto e Lucas Gunther Klein pela parceria compartilhada em nossas sextas-feiras a tarde. Agradecimento especial à nossa orientadora Karen Daniela Pires que é uma referência como professora e pesquisadora do tema desta aula, sempre incentivando nossa criatividade e autonomia. Também deixo meu agradecimento ao professor Sérgio Nunes Lopes, coordenador e incentivador para que colocássemos em trabalhos nossas vivências escolares.

REFERÊNCIAS

BRASIL. **Lei n.º 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei n.º 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira".** Diário Oficial da União, Brasília, 10 jan. 2003. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.htm. Acesso em: 01 out. 2025.

BRASIL. **Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular.** Brasília: MEC, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br>. Acesso em: 01 out. 2025.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

GOMES, Nilma Lino. **O Movimento Negro Educador: saberes construídos nas lutas por emancipação.** Petrópolis: Vozes, 2017.

MOURA, Clóvis. **Quilombos: Resistência ao Escravismo.** São Paulo: Ática, 1987.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra.** Petrópolis: Vozes, 1999.

